

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE JEAN-JACQUES ROUSSEAU E A INFÂNCIA DE EMÍLIO

*Fundamentals of education: considerations about Jean-Jacques Rousseau and
Emilio's childhood*

Beatriz Pita Stival
Universidade Federal de Goiás

RESUMO

Este estudo tem como objetivo levantar algumas reflexões sobre a abordagem filosófica e educacional de Jean-Jacques Rousseau, especificamente do período da infância, com base na obra “Emílio ou da Educação”, nos livros I e II. A partir da compreensão da sociedade do século XVIII, Rousseau propõe pensar outra forma de educação e para isso retira Emílio da sociedade. O filósofo reflete sobre a conjuntura em que vive, pensa como as coisas funcionam no seu tempo e delinea por meio de seus estudos como a educação poderia ser diferente daquilo que estava instituído. A conclusão deste artigo nos leva a entender razões que faz Rousseau recusar a própria sociedade e a educação nela propagada.

Palavras-chaves: Educação; Rousseau; Formação humana;

ABSTRACT

This study aims to raise some reflections on Jean-Jacques Rousseau's philosophical and educational approach, specifically from his childhood period, based on the work “Emílio ou da Educação”, in books I and II. Based on his understanding of 18th century society, Rousseau proposes thinking about another form of education and to do so removes Emile from society. The philosopher reflects on the situation in which he lives, thinks about how things work in his time and outlines through his studies how education could be different from what was established. The conclusion of this article leads us to understand the reasons why Rousseau refuses society itself and the education propagated in it.

Keywords: Education; Rousseau; Human formation;

INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido a partir de inquietações sobre a abordagem filosófica e educacional de Jean-Jacques Rousseau, bem como do interesse de se compreender razões que faz Rousseau recusar a própria sociedade e por consequência, a educação nela propagada. Assim, objetiva-se apresentar brevemente alguns pensamentos e concepções rousseauinianos em relação à formação humana e formação cidadã, bem como apresentar elementos da origem da desigualdade entre os homens, pensada por ele, e que o leva a defender o homem natural, autêntico. Em um segundo momento, traremos à tona algumas discussões sobre como Rousseau pensou a educação de Emílio na infância, um recorte que possibilitará um melhor estudo e delimitação do tema. E para finalizar, será abordada sobre as possíveis razões para o nascimento de Emílio, consequência da recusa de Rousseau à sociedade da época.

Partindo da problemática de que Emílio é criado em um campo hipotético, foram pensadas algumas questões: Porque então Emílio foi criado? Porque Rousseau recusa a sua própria sociedade e cria Emílio fora dela? A partir disso, busquei verificar o contexto da sociedade do século XVIII em que Rousseau viveu, com enfoque nos conceitos que o próprio filósofo desenvolve em relação à natureza humana, a formação humana e cidadã, e a desigualdade entre os homens.

JEAN-JACQUES ROUSSEAU: PENSAMENTOS E CONCEPÇÕES

Rousseau acredita que a desigualdade é fruto das civilizações. Ao pensar o histórico das sociedades humanas, observa que onde foi possível agrupar-se com homens e organizar uma sociedade, houve a desigualdade de poder e de riquezas. Para ele, portanto, o homem em seu estado natural é livre e feliz, pois já nasce com uma bondade natural e que a seu ver, é corrompida quando se integra à sociedade organizada. Já em seu primeiro escrito, Discurso sobre as ciências e as artes, ele assinala que “[...] as artes e a riqueza encorajam nossos vícios, criam as desigualdades, afastam-nos da perfeição, que consiste na vida simples e modesta”.

Quando Rousseau concebe a ideia da bondade natural do homem, isso faz com que perceba a desigualdade e injustiça presentes na sociedade e é o que dá a base para todos os pensamentos que desenvolve posteriormente. Para ele o algoz corruptor da sociedade e consequentemente do homem, é a propriedade, a grande causadora da desigualdade. Neste sentido, tudo gira em torno da propriedade, inclusive a educação.

São as ideias contidas no Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens que serão base para as suas obras posteriores, Emílio ou da Educação e Do Contrato Social.

Suas ideias políticas desenvolvidas em Do Contrato Social muito contribuíram para a revolução contra o antigo regime. Para ele "O homem nasceu livre e, em toda parte está preso". Crítica severa à ausência de

liberdade do homem e à desigualdade instalada, questões que claramente o incomodava.

Em sua obra *Emílio ou da Educação* o filósofo conseguiu reunir argumentos em relação à natureza da criança, de modo que possibilitou a apreciação por muitos estudiosos e houve então a disseminação de ideias referente ao respeito e valorização da criança. Para Rousseau as pessoas “procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que esta é, antes de ser homem.” (ROUSSEAU, 1979, p. 08) Ou seja, não existe ali uma criança, aos olhos das pessoas já se nasce homem.

Dessa maneira, Rousseau critica a formação cidadã, porque acredita que não atinge a natureza do homem. A formação cidadã, pura e simplesmente para atender à sociedade em suas necessidades econômicas e sociais, perpetuando um ciclo de vícios, riquezas, poder e esquecendo-se do homem como um ser de natureza, que possui no seu íntimo um “eu” humano e natural que pulsa. Assim, a educação que defende é a de formação do homem, e afirma que “saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre, será primeiramente um homem” (ROUSSEAU, 1979, p. 15). E ainda reforça essa ideia dizendo a Emílio: “Seu primeiro dever é para consigo mesmo” (ROUSSEAU, 1979, p. 209) não como uma ideia egoística, mas de compromisso com sua própria natureza humana, que é um ponto fundamental da filosofia de Rousseau.

Assim, tirar o homem da sociedade e colocá-lo no campo é uma tentativa de Rousseau de retornar o homem à sua natureza inicial, com o objetivo de valorizá-la e não destruí-la em si mesmo. Talvez essa retirada do homem da cidade para o campo demonstra que ainda o homem não é capaz de ser educado com as influências desta sociedade à sua volta, é preciso tirá-lo daquela área, para que possa enxergar e viver novas experiências. Paiva nos esclarece que

O homem natural, por sua vez, significa o homem primitivo, encontrado num estágio anterior à sociedade e ao plano histórico da humanidade, bem como o homem natural que vive comunitariamente entre seus semelhantes já num estágio avançado de civilidade. A bondade, a sensibilidade e o caráter reto desse espécime fazem dele um homem autêntico por apresentar todas suas potencialidades como indivíduo e todo seu engenho como ser no mundo, real e concreto. O homem civil se desdobra em burguês e cidadão. O burguês é o pseudocidadão, possuidor de privilégios resultantes da dominação sobre o semelhante e da usurpação da propriedade, como bem demonstrado no segundo Discurso. O cidadão é o homem ideal, o ser coletivo, unidade fracionária e fruto do contrato social. O que chamo de homem total é a junção do homem autêntico com o cidadão, superando o burguês e todos os vícios engendrados no desvirtuamento das paixões. (PAIVA, 2007, p.327)

Assim, Paiva (2007) amplia a dimensão proposta por Rousseau e acredita na união do todo, em uma conciliação da formação cidadã com a formação do homem. O caráter político e pedagógico da obra de Rousseau contribui para a humanização do homem, na medida em que “a ação política bem como a pedagógica devem ser empreendidas no sentido de se redimensionar as potencialidades naturais do homem de maneira que a

natureza humana não seja degenerada, ignorada ou até mesmo coisificada.” (PAIVA, 2007, p. 323) Deste modo, não se trata também de uma formação inicialmente do homem e depois do cidadão, por etapas e fragmentada, o processo é simultâneo e concomitante, é uma proposta de formação com projeto político-educacional que compreende o homem como um todo. Essa é a defesa de Paiva.

Rousseau acredita que o homem deve reconciliar-se com sua própria natureza. E está aí a tarefa mais importante para o progresso da humanidade. Paiva (2007) amparado em Rousseau defende uma proposta de formação do homem, no plano individual, buscando suas características naturais, e uma proposta de formação do homem social, no plano coletivo, buscando realizar a essência da sua natureza entre os homens e exercendo uma cidadania distinta. Unindo as duas propostas de modo que elas não sejam mais dissociadas, encontra-se uma possibilidade para uma melhoria na educação dos homens.

Rousseau não nega a educação como ato social porque compreende a cultura como característica humana, condená-la seria igualar-se ao animal e não ao natural. Também defende a afetividade como elo entre as pessoas, pois acredita que proporciona prazer e alegria na educação. Rousseau enfatiza a simplicidade própria à vida rural, o campo como espaço para sentir e não simplesmente viver, muito diferente da vida urbana. Será que Rousseau ao levar Emílio para o campo, longe da vida urbana, buscando o desenvolvimento de uma educação que preze pela liberdade humana, não queria nos dar um exemplo claro, do que devemos valorizar na vida? A liberdade! Alertando-nos o quão prisioneiro pode ser a “cidade”, e aqui se compreende cidade como aquilo que corrompe o homem, que nos tira a liberdade natural de homem, fazendo com que nos esqueçamos da nossa própria natureza?

Será possível que, por mais ideal que aparenta ser a forma que Rousseau pensou a educação de Emílio, seja ela um caminho interessante e desafiador? É evidente que conforme afirma Boto (2002, p. 370), “o Emílio é antes, um relato, uma metáfora, uma suposição ou categoria operatória, que, enquanto tal, remeteria às essências. Sendo assim, não teria jamais a pretensão de ser aplicado como método educativo de crianças reais”. O fato é que o filósofo transita pelo que aos nossos olhos parece ideal demais, e logo incrementa elementos reais demais para que não valorizemos a metáfora que constrói. Não se trata de aplicar o mesmo método a crianças reais, trata-se de refletir sobre o valor da educação, na perspectiva da formação humana.

Talvez a grande problemática da proposta rousseaniana para alguns críticos de Rousseau, seja a incompreensão por parte deles, das razões que levou Rousseau a tirar Emílio da sociedade. Rousseau contextualizou a educação nos aspectos político, econômico e social e assim pôde desvelar um panorama da sociedade que muitos não conseguiam enxergar.

O que ocorre é que o ser humano fadado ao progresso encanta-se e é encantado com as coisas do mundo, a propriedade, a riqueza, os bens e o poder e esquece sua verdadeira essência natural, portanto, muitas vezes aceita tudo que está à sua frente, sem questionar se aquilo fere com o que realmente acredita, com o que realmente sente, com o que

realmente está inscrito em sua consciência, e criam assim, um falso progresso, uma falsa liberdade, pois o verdadeiro progresso segundo Rousseau, é aquele que valoriza o homem autêntico, natural e o torna capaz de realizar uma dinâmica de vida social com liberdade, simplicidade, respeito, amor, bondade, buscando a arte de viver e sentir a vida.

EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO: LIVRO I

Na obra *Emílio ou da Educação*, livro I, Rousseau introduz suas ideias, percorrendo críticas sobre a educação e a sociedade da época e logo apresenta seu aluno imaginário. Inicia então sua jornada na criação de Emílio relatando sobre como pensa uma educação diferente daquela instituída e como serão as características dessa educação.

Rousseau dialoga com o real quando traz à tona as questões da sociedade da época e as projeta com outras perspectivas imaginadas por ele. Para Rousseau os homens são preparados para a vida pela educação, “tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação”. (ROUSSEAU, 1979, p. 12)

A educação no estado da infância é especialmente necessária, pois “a raça humana teria perecido se o homem não começasse sendo criança”. (ROUSSEAU, 1979, p. 12) Ao nascer não teria desenvolvido ainda a razão, mas já teria um corpo forte e formado. Totalmente desconexo, corpo e razão, seria uma catástrofe para a humanidade. Assim, segundo o filósofo temos três tipos de educação.

Essa educação nos vem da natureza, ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas. (ROUSSEAU, 1979, p. 12)

Mediante isso, para Rousseau a educação dos homens deve ser orientada para a educação da natureza, no desenvolvimento interno do ser e para a educação das coisas, no desenvolvimento de experiências sobre os objetos.

Critica aquele que em contradição consigo mesmo não consegue ser homem nem cidadão, porque habita na ordem civil. Afirma que esse é “um dos homens de nossos dias, um francês, um inglês, um burguês.” (ROUSSEAU, 1979, p. 14) Traz à tona a realidade da sociedade da época que o incomodava profundamente.

Na educação de Emílio, seu aluno imaginário seria exposto a todos os inconvenientes da vida humana, porque não basta que ele apenas suporte a dor e conceba ela como um mal que jamais deseja tê-lo novamente, mas sim, que exercite e sinta a dor para saber encarar tudo o que fosse necessário, com a devida liberdade. O homem despreparado que Rousseau critica está arraigado na ordem civil.

Toda a nossa sabedoria consiste em preconceitos servis; todos os nossos usos não são senão sujeição, embaraço e constrangimento. O homem civil nasce, vive e morre na escravidão; ao nascer, envolvem-no em um cueiro; ao morrer, encerram-no em um caixão; enquanto conserva sua figura humana está acorrentado a nossas instituições. (ROUSSEAU, 1979, p. 16)

Aqui Rousseau evidencia o mau caráter das instituições que arranca a liberdade do homem. A busca pelo homem natural, autêntico é direcionada para retomar o controle da vida, provocado pela ânsia de ter de volta a sua liberdade e assim ser desacorrentado do que o prende na sociedade. Isso que o prende na sociedade, é a origem de toda a desigualdade entre os homens, a riqueza, os bens, a propriedade, o poder. Por isso se tem ricos e pobres.

No Norte, os homens consomem muito num solo ingrato; no Sul, consomem pouco num solo fértil. Daí nasce essa diferença que torna uns laboriosos e outros contemplativos. A sociedade oferece-nos em um mesmo lugar a imagem dessas diferenças entre os pobres e os ricos: os primeiros habitam um solo ingrato, os outros uma terra fértil. O pobre não precisa de educação; é obrigatória a de sua condição, não poderia ter outra. Ao contrário, a educação que o rico recebe de sua condição é a que menos lhe convém tanto para si mesmo quanto para a sociedade. Ademais, a educação natural deve tornar um homem adaptável a todas as condições humanas. (ROUSSEAU, 1979, p. 26)

Emílio então não necessitaria vir de um berço rico ou pobre, de nada faria diferença, visto que a educação natural deve fazê-lo com que se adapte a qualquer condição humana. E não educar ricos, para serem ricos e pobres para serem pobres.

Rousseau era contra envolver a criança, logo ao nascer em faixas e fraldas apertadas que tirava a liberdade da criança para se movimentar e sentir a vida. Por isso, Emílio ao nascer seria colocado em berço grande e confortável de modo que pudesse se movimentar como quisesse e sem qualquer perigo. E quando conseguisse já ter mais forças nos braços e pernas, poderia engatinhar pela casa para que assim pudesse desenvolver seus membros. Isso é o início de uma educação natural para Rousseau e afirma que “a educação do homem começa com seu nascimento; antes de falar, antes de compreender, já ele se instrui. A experiência adianta-se às lições”. (ROUSSEAU, 1979, p. 35)

Tudo o que a criança é capaz de sentir nesta primeira fase de vida é o prazer e a dor. Segundo o filósofo, as primeiras sensações são puramente afetivas e é isto que deve ser educado a priori. Se Emílio chorasse não seria atendido de prontidão, mas seria cuidado em suas necessidades. É que a criança pode responder ao choro, como uma ordem dada por ela, e a todo o momento que quiser algo, usará do choro para conseguir.

Portanto, “o único hábito que se deve deixar a criança adquirir é o de não contrair nenhum.” (ROUSSEAU, 1979, p. 35)

Segundo Rousseau é do choro da criança que nasce a relação com o mundo que o cerca “forja-se o primeiro elo dessa grande cadeia de que é formada a ordem social.” (ROUSSEAU, 1979, p. 38) Por isso, é tão

importante educar Emílio desde o nascimento. Mais a frente, quando já crescido, da ordem social é corrompido aos preconceitos da opinião, os desejos de mando, a fantasia e então aquele indivíduo já definitivamente desvia-se do caminho da natureza.

Conhecido o princípio, percebemos claramente o ponto em que abandonamos o caminho da natureza; vejamos o que é preciso fazer para nele nos mantermos.

Longe de ter forças supérfluas, as crianças não têm sequer as suficientes para tudo o que delas solicita a natureza; cumpre, portanto deixar-lhes o emprego de todas as que ela lhes dá e de que não podem abusar. Primeira máxima.

É preciso ajudá-las e suprir de que carecem, seja em inteligência, seja em força, em tudo o que diz respeito às necessidades físicas. Segunda máxima.

É preciso, no auxílio que se lhes dá, restringir-nos unicamente ao útil real, nada concedendo à fantasia ou ao desejo sem razão, pois a fantasia não as atormentará enquanto não a tivermos feito nascer, dado que não é da natureza. Terceira máxima.

É preciso estudar com cuidado sua linguagem e seus sinais, a fim de que, numa idade em que não sabem dissimular, possamos distinguir em seus desejos o que vem imediatamente da natureza do que vem da opinião. Quarta máxima.

O espírito dessas regras está em conceder às crianças mais liberdade verdadeira e menos voluntariedade, em deixá-las com que façam mais por si mesmas e exijam menos dos outros. Assim, acostumando-se desde cedo, a subordinar seus desejos a suas forças, elas sentirão pouco a privação do que não estiver em seu poder. (ROUSSEAU, 1979, p. 40 e 41, grifos nossos).

Para Rousseau são essas quatro máximas que garantirá a educação natural nos primeiros meses de vida da criança, preservando a sua liberdade e lhe auxiliando nas necessidades.

Segue no próximo livro suas ideias, agora sobre uma nova etapa da infância, quando a criança adquire a fala.

EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO: LIVRO II

No livro II da obra Emílio ou da Educação, Rousseau continua a dizer sobre como ele pensa a educação para Emílio e levanta o que da educação já instituída na sociedade não lhe apraz, agora em uma infância que a criança já conquistou a fala. A proteção excessiva que priva a criança de experimentar é um dos alvos de suas críticas.

Que dizer desse amontoado de coisas que reúnem ao redor da criança para defendê-la contra a dor, até que, já crescida, continue à mercê delas, sem coragem e sem experiência, que se acredite morrer à primeira picada e desmaie vendo sua primeira gota de sangue? (ROUSSEAU, 1979, p. 48)

Coragem e experiência são características notáveis pensadas por Rousseau para a educação de Emílio. Juntas poderão proporcionar no

decorrer do processo, a liberdade do homem natural e autêntico, tão almejada. Neste sentido, Emílio buscará andar por si próprio, sem andadeiras ou carrinhos para protegê-lo. Poderá cair quantas vezes for necessário e se fizer machucados, não será de todo ruim, porque a liberdade compensa-os. Assim, ele será alegre, ao contrário das outras crianças que sentirão tristeza ao serem privadas de andar, correr e saltar por si sós. Isso se insere não só no contexto da infância, mas também da vida adulta, para que possa ser um homem de autonomia e liberdade perante as dores da vida.

Para Rousseau a criança precisa sentir o seu lugar, precisa saber que na vida humana existe a infância e que é preciso vivê-la primeiro, antes de se tornar um homem. É nesta etapa da vida que melhor se educa e ordena as paixões humanas, os desejos, de modo que muito pode se fazer na orientação às crianças, mas também existe uma parte que depende de fatores que fogem do alcance. Ainda sobre os desejos humanos Rousseau questiona

Em que consiste a sabedoria humana ou o caminho da felicidade verdadeira? Não consiste precisamente em diminuir nossos desejos, pois se se encontrassem abaixo de nossas forças, parte de nossas faculdades permaneceria ociosa e não gozaríamos de todo o nosso ser. Nem consiste tampouco em ampliar nossas faculdades, pois, se estas se ampliassem nas mesmas proporções, mais miseráveis ainda seríamos. Ela consiste, certo, em diminuir o excesso dos desejos sobre as faculdades e a pôr em perfeita igualdade o poder e a vontade. É somente então que, estando todas as forças em ação, a alma permanece, contudo serena e que o homem se acha bem ordenado. (ROUSSEAU, 1979, p. 50)

Ou seja, o caminho da felicidade verdadeira está no equilíbrio das forças de poder e vontade no ser humano. Quando uma sobrepõe-se à outra o homem não se constitui harmonioso. “O homem é muito forte quando se contenta com ser o que é; é muito fraco quando quer erguer-se acima da humanidade. Não ides imaginar, porém que, ampliando vossas faculdades, ampliais vossas forças” (ROUSSEAU, 1979, p. 51)

Rousseau recusa a sociedade porque acredita que a propriedade é causadora de necessidades supérfluas nos homens, estes por sua vez, cegos no desejo de sempre se conquistar mais e mais aumentam sua força de trabalho com o intuito de aumentar a sua felicidade. Pobres homens! Não enxergam que o que os consomem é uma busca desmedida e infinita pelo poder e pelas riquezas. “É à força de trabalhar para aumentar nossa felicidade que a transformamos em miséria. Todo homem que só quisesse viver, viveria feliz;” (ROUSSEAU, 1979, p. 51) ciente do equilíbrio da sua vontade e poder viveria o hoje despreocupado com o amanhã, sereno nas suas convicções de que a verdadeira riqueza reside na harmonia das faculdades de ser humano. Mas, não, a realidade é que

Não existimos mais onde nos encontramos, só existimos onde não estamos [...] Ó homem! Encerra tua existência dentro de ti e não serás mais miserável. Fica no lugar que a natureza te designa na cadeia dos seres, nada poderá arrancar-te dele; não te revoltas contra a dura lei da necessidade e não esgotes, querendo resistir-lhe, forças que o céu não te deu para prolongar tua existência e sim,

tão somente, para conservá-la como lhe agrada e enquanto lhe agrada. Tua liberdade, teu poder só vão tão longe quanto tuas forças naturais, e não além; tudo mais não passa de escravidão, ilusão, prestígio. A própria dominação é servil, quando se apegue à opinião, pois dependes dos preconceitos daqueles que governas pelos preconceitos. Para guiá-los como te agrada é preciso que te conduzas como lhes agrada. Que mudem de maneira de pensar e terás forçosamente que mudar de maneira de agir. Basta que os que estão perto de ti saibam orientar as opiniões do povo que pensas governar, ou dos favoritos que te governam, ou as de tua família, ou as tuas próprias: esses vizires, esses cortesãos, esses padres, esses soldados, esses lacaios, esses palhaços e até crianças, ainda que sejas um Temístocles de gênio vão te conduzir como um pirralho no meio de tuas legiões. Por mais que faças, nunca tua autoridade real irá além de tuas faculdades reais. Desde que seja preciso ver pelos olhos dos outros será preciso querer pelas vontades deles. Meus povos são meus súditos, dizes altivamente. Admito-o. Mas quem és tu? o súdito de teus ministros. E que são teus ministros por sua vez? os súditos de seus funcionários, de suas amantes, os lacaios de seus lacaios. Tomai conta de tudo, usurpai tudo, derramai dinheiro a mancheias; erguei baterias de canhões; levantai forcas e cruces; promulgai leis; multiplicai os espiões. Os soldados, os carrascos, as prisões, as algemas: pobres homenzinhos, de que vos serve isso? Não sereis mais bem servidos, nem menos roubados, nem menos enganados, nem mais absolutos. Direis sempre: queremos, e fareis sempre o que quiserem os outros. (ROUSSEAU, 1979, p. 53)

Essa citação longa se faz necessária devido ao tamanho sentido que ela carrega no que diz respeito à uma das razões porque Rousseau recusa a sociedade, ou seja, para ele o homem nasce para servir àqueles que pensam governar. Não existe liberdade. Porque o que o homem quer é aquilo que querem os outros homens em um ciclo sem fim. Já “o homem realmente livre só quer o que pode e faz o que lhe apraz. Eis minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância, e todas as regras da educação vão dela decorrer.” (ROUSSEAU, 1979, p. 54)

Na infância, Rousseau explica que essa liberdade é limitada pela fraqueza da estrutura física e intelectual da criança, assim,

As crianças não gozam, mesmo em seu estado natural, senão de uma liberdade imperfeita, semelhante a de que gozam os homens na sociedade. Não podendo prescindir dos outros, todos nós nos tornamos, desse ponto de vista, fracos e miseráveis. Éramos feitos para sermos homens; as leis e a sociedade nos mergulharam novamente na infância. (ROUSSEAU, 1979, p. 54)

Ou seja, a sociedade faz dos homens, crianças, porque sem gozarem da liberdade tornam-se dependentes, fracos e miseráveis como na infância. Assim, para o filósofo existem dois tipos de dependências: a das coisas, que é da natureza e a dos homens, que é da sociedade. Deve-se conservar “a criança tão somente na dependência das coisas; tereis seguido a ordem da natureza nos progressos de sua educação.” (ROUSSEAU, 1979, p. 55)

Neste sentido, Rousseau propõe uma educação negativa para a infância. Porque o sentido negativo? Porque não consiste “em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro.” (ROUSSEAU, 1979, p. 63) Sem os hábitos da sociedade, e os preconceitos arraigados, ter-se-ia o mais sensato dos homens.

Antes, porém, Rousseau afirma que é preciso encontrar em si mesmo o exemplo de homem a ser educado. Será que ele propõe uma auto reeducação do homem já corrompido, para poder então educar a criança? Seria isso possível? Uma vez carregado de preconceitos e hábitos adquiridos na sociedade, podemos nós, voltar o olhar para o homem natural que somos e desconstruir todas as crenças e costumes sociais, repensar e se auto reeducar? Tirar Emílio da sociedade seria então retirar primeiro o homem a quem será o seu preceptor, para próximo à natureza e ao campo conseguir por meio da razão encontrar os caminhos que o levam até a sua verdadeira liberdade?

PORQUE EDUCAR EMÍLIO NO CAMPO?

Rousseau cria seu aluno imaginário e resolve educá-lo no campo, porque recusa a educação e vida que a sociedade leva. Recusa-a porque acredita que a sociedade corrompe o homem quando o faz trocar o seu bem mais precioso que é a liberdade, pela propriedade.

Daí que a criança compreende fácil esse movimento quando é educada dentro da sociedade, adquirindo já noções primitivas desde a infância. Um exemplo é quando encontra um brinquedo e outra criança também o quer, a justificativa é: “Cheguei primeiro, é meu”, ou seja, “a ideia de propriedade remonta naturalmente ao direito do primeiro ocupante pelo trabalho.” (ROUSSEAU, 1979, p. 69)

A dependência do homem para com a sociedade, o impregna de maus hábitos, de preconceitos

Eis mais uma razão para querer educar Emílio no campo, longe da canalha dos lacaios, os últimos dos homens depois de seus amos; longe dos maus costumes das cidades, que o verniz com que se cobrem torna sedutores e contagiosos para as crianças; ao passo que os vícios dos camponeses, sem requintes e grosseiros, mais repelem do que seduzem, não se tem nenhum interesse em imitá-los. (ROUSSEAU, 1979, p. 65)

Sem vícios, compromissado com sua própria natureza, dono de sua liberdade, sem conhecer a autoridade, eis que se tem educado Emílio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Rousseau rompe com muitos paradoxos presentes na sociedade da sua época, inspira grandes estudiosos da educação e da política e é perceptível como muito das teorias que conhecemos hoje, Escola Nova, Sociointeracionismo e até mesmo a teoria histórico-cultural de Vigotsky, beberam da fonte de Rousseau, se não para percorrer os mesmos passos, mas para conhecer os caminhos que ele traçou, em análises importantes para a elaboração de novos conhecimentos.

O retorno ao estado natural proposto pelo filósofo não é obviamente um retorno ao estado primitivo, instintivo e por isso, até

animal. Rousseau não nega a cultura, sabe que ela é necessária, preza o exercício racional, intelectual e da construção de uma consciência pautada na essência do que é ser humano, da origem do que é natural no ser. Embora suas ideias sejam de mais de 250 anos atrás, e o mundo hoje muito mais complexo do que antigamente, sua abordagem continua rica e cheia de significados que podem continuar contribuindo para uma nova revolução.

A recusa de Rousseau à sociedade e educação de sua época e consequentemente a criação de Emílio, invoca o homem a pensar e refletir sobre os elementos políticos, educacionais, sociais e econômicos que tiram-lhe a liberdade, na urgência de um debate com o mundo, com a vida, com a natureza humana. Chama à consciência, alertando-nos sobre: o que estamos fazendo da vida? Que exemplos de homens estamos sendo para os novos homens que se formarão? Que caminhos estamos tomando? É esse falso progresso que desejamos? E a nossa essência naturalmente boa - corrompida pelas riquezas, bens, propriedades e poder - o que faremos referente a ela? Para Rousseau viver não é só respirar, mas é principalmente agir e esse agir deve ser livre de modo que sabendo ser primeiramente um homem, imbuído da sua própria natureza, saberá que viver é um evidente desafio e formidável ofício da humanidade.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PAIVA, Wilson Alves de. Do projeto político-pedagógico de Rousseau: algumas considerações. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n. 134, p.245-262, mar. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302016000100245&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 jan. 2019.

PAIVA, Wilson Alves de. A formação do homem no Emílio de Rousseau. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 33, n. 2, p. 323-333, agosto de 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022007000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 jan. 2019.

RÉMOND, René. **O antigo Regime e a Revolução: 1750-1815**. Trad. BARROS, Francisco Pessoa e CAJADO, Octávio Mendes. v. 1; São Paulo. Cultrix, 1976.

ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou da educação**. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1979.

Contato da autora:

Autora: Beatriz Pita Stival
e-mail: beatrizstival@hotmail.com

Manuscrito aprovado para publicação em: 25/06/2025